

# SUMÁRIO

## **PRIMEIRA PARTE**

**7** Prefácio

## **SEGUNDA PARTE**

**21** Os meios não são ferramentas

**113** As formas comunicativas do social

**161** A eletrificação do mundo

## **TERCEIRA PARTE**

**199** Ficha Biobibliográfica

**205** As publicações

# PRIMEIRA PARTE

# PREFÁCIO<sup>1</sup>

## SOBRE OS AFORISMOS DE MARSHALL MCLUHAN

Muitas coletâneas diferentes de aforismos de Marshall McLuhan surgiram, principalmente *on-line*, e muitas mais provavelmente surgirão. Uma das coletâneas mais completas em inglês foi publicada em 2005 pela Gingko Press sob o título *The Book of Probes*.<sup>2</sup> Anteriormente, uma coletânea abundante de gracejos e citações havia aparecido no *The Antigoneish Review*, compilada por George Sanderson,<sup>3</sup> mais tarde amostrada



<sup>1</sup> Tradução da imagem: “Em terra de cegos, quem tem um olho é um idiota alucinado”. (N.T.)

<sup>2</sup> *The Book of Probes*, Eric McLuhan e William Kuhns (orgs.), ilustrado por David Carson, USA, Gingko Press, Inc., 2005.

<sup>3</sup> “McLuhan”, *The Antigoneish Review*, n. 77, abril, 1987.

e ampliada em *The Essential McLuhan*.<sup>4</sup> Na internet, uma das coletâneas mais interessantes<sup>5</sup> é a do quase anônimo, mas não desconhecido, “Bob”.<sup>6</sup> Bob fez uma seleção muito cuidadosa de aforismos e citações mais longas, acompanhada por um comentário fascinante. Uma seleção mais curta também aparece em um *site* elegante, *McLuhan Speaks*,<sup>7</sup> dedicado a uma visão geral do trabalho do autor. Contudo, alguns dos melhores são aqueles de que eu me lembro por ter estudado e trabalhado com McLuhan por mais de dez anos.

O que atrai, é claro, é, em primeiro lugar, a concisão do gênero e sua capacidade de

---

<sup>4</sup> *The Essential McLuhan*, Eric McLuhan e Frank Zingrone (orgs.), Nova Iorque: Basic Books, 1995.

<sup>5</sup> Ver: <[http://www.fivebodied.com/archives/audio/catalog/Bob\\_Documents/Essays/McLuhan%20and%20Holeopathic%20Quadrophrenia.htm](http://www.fivebodied.com/archives/audio/catalog/Bob_Documents/Essays/McLuhan%20and%20Holeopathic%20Quadrophrenia.htm)>.

<sup>6</sup> Não há outro nome em anexo, mas os que estão nesse meio suspeitam que “Bob” seja Bob Dobbs, um admirador de longa data e brilhante comentarista do trabalho de McLuhan, que também adota outros nomes, tentando evitar a prisão de um único ponto de vista.

<sup>7</sup> Ver: <[marshallmcluhanspeaks.com](http://marshallmcluhanspeaks.com)>.

concentrar percepções abrasadoras em um estado condensado, assim como funcionam os mitos. Todos esses aforismos são micromitos, pois contêm muita experiência humana e sabedoria popular na forma de paradoxo, assim como fazem os mitos. Depois, há a adequação desses fragmentos da compreensão humana para as mentes doravante acostumadas pelo Google e pela Wikipédia a pensar hipertextualmente. Hoje, as pessoas consideram as sequências desconectadas perfeitamente aceitáveis como um modo de cognição. Corremos para o Google como para um enorme hipertexto. McLuhan é perfeito para estes tempos, não apenas por causa de sua impressionante avaliação preditiva da “era da informação”, mas porque seu estilo ajusta-se melhor [hoje] às predisposições mentais de seus leitores do que em seu próprio tempo.

“Não me diga que minhas ideias não são novas; é a ordem em que elas estão que é” (Blaise Pascal).

Uma coletânea recente traduzida em italiano por Marco Pigliacampo é impressionante de várias maneiras. Primeiro, porque o esforço considerável em coletar esses fragmentos é, em si mesmo, um serviço valioso prestado à comunidade de leitores. De que outra forma alguém teria acesso a eles sem essa paciente e cuidadosa compilação? Essa função de edição tem de ser muito criativa; é, em si, um tipo de autoria que exige que o editor pense por entre muitas ressonâncias possíveis e coerentes entre as várias seleções.

Depois, há o agrupamento temático dos aforismos, que é útil em si mesmo. Ele nos permite um relance em grandes áreas da atividade humana e reconhecer sua consistência e suas características unificadoras sob diferentes ângulos. O próprio McLuhan poderia ter optado por um acesso aleatório às frases, a julgar pelo baralho que incluiu no boletim DEW-Line em 1969.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> O jogo de cartas foi uma edição de 1969 do *The McLuhan Dew Line*, publicado em 1968 por Human Development Corp. em Nova Iorque. Ver também: <[http://openlibrary.org/books/OL14615446M/The\\_McLuhan\\_dew-line](http://openlibrary.org/books/OL14615446M/The_McLuhan_dew-line)>.

Cada carta contém um aforismo concebido pelo próprio McLuhan ou citando outro autor inteligente. O jogo consiste em refletir sobre um tópico, um problema ou qualquer questão, pessoal ou corporativa, depois selecionar três cartas ao acaso e conectar os aforismos à questão, ou conectar os aforismos entre si.



Como exemplo, vamos juntar três. “Esta informação é de alta segurança. Quando tiver lido, destrua-se”. Uma inversão divertida do ditado comum leva o sigilo ao extremo, como quando, em outras épocas e outras culturas, os mensageiros eram executados depois de entregar a informação, de modo que nenhum concorrente tivesse acesso a ela.

Adicione: “Quanto mais eles sabem sobre você, menos você existe”. Este poderia ser interpretado hoje como o efeito do *trade-off*<sup>9</sup> entre colocar seu perfil *on-line* no Facebook ou em alguma outra rede social ou, como as pessoas teriam feito antes do aparecimento das redes sociais, confiar sua identidade à privacidade de seu diário pessoal. A consequência é que a sua identidade, ou, mais provavelmente, a dos seus filhos, tornar-se-á, paradoxalmente, uma espécie de propriedade pública e ajudará a construir – ou destruir – seu “capital de reputação”.

Juntos, esses dois aforismos apontam para as mudanças significativas que nossa exposição ao escrutínio público está trazendo ao nosso *status* social e à ideia e à imagem que temos de nós mesmos. O terceiro aforismo confirma isso: “No futuro, metade do mundo estará ocupado espionando e reportando sobre a outra metade”.

---

<sup>9</sup> Expressão em inglês que remete à ideia de ganhar perdendo, ou seja, à busca de equilíbrio entre dois elementos incompatíveis. (N.T.)

Esses aforismos não estão nem no jogo de cartas nem entre aqueles selecionados por Marco Pigliacampo. Eu os escolhi porque gosto deles. Todos os três apontam para uma grande transformação da relação entre identidade e meios de comunicação, mas todos exigem algum trabalho da parte do leitor. A esse respeito, Pigliacampo escolheu um aforismo perfeito para iniciar sua coletânea: “Il lettore passivo preferisce i testi compiuti, ma coloro che sono interessati a perseguire la conoscenza ricorrono agli aforismi, proprio perché sono incompleti e richiedono una profonda partecipazione della mente”.<sup>10</sup>

Este é o propósito da “sonda”. Muito foi dito – e com razão – sobre a justificativa de McLuhan para usar o gênero de aforismo como “sonda”. Como McLuhan e Kuhns explicam na introdução de *The Book of Probes*, “a sonda é

---

<sup>10</sup> “O leitor passivo prefere os textos completos, mas aqueles que estão interessados em buscar conhecimento recorrem a aforismos, justamente porque estes são incompletos e requerem uma profunda participação da mente.” (N.T.)

um meio ou método de percepção. Isso vem do mundo da conversação e do diálogo, tanto quanto da poética e da crítica literária. Como a conversação, a sonda verbal é descontínua, não linear; ela aborda as coisas a partir de muitos ângulos, de uma só vez”.<sup>11</sup>

Uma das técnicas favoritas de McLuhan para estimular uma nova percepção em seus leitores é reverter os clichês convencionais em sua forma contrária, forçando assim o leitor a questionar não apenas a nova fórmula, mas também seu original. Por exemplo: “Eu não teria visto se não tivesse acreditado”. Eu amo esse aforismo porque, toda vez que o leio ou penso nele, lembro-me de nossa capacidade impressionante de nos resguardar de ver qualquer coisa.

*Reversão*, de fato, de acordo com McLuhan, é uma das leis básicas dos meios, em que qualquer forma ou função levada ao seu extremo transforma-se em seu oposto. Alguns exemplos: “A invenção é a mãe das necessidades”. Esse aforismo

---

<sup>11</sup> *Op. cit.*, p. iii.

indica que, longe de realmente resolver problemas ou reduzir as tarefas humanas, a inovação permanente gera constantes frustrações que exigem soluções constantes, que estão gerando novos problemas e necessidades inevitáveis. Há também a graça do trocadilho e a versatilidade e sagacidade particulares de McLuhan. McLuhan apropria isso de Joyce, mas também de Jung, enquanto toma clichês comuns como “Obrigado pelas memórias” e os transforma em arquétipos como “Obrigado pelas mamárias”.

Meu favorito desse gênero é estritamente para os canadenses e não tem tradução: “In Canada, many are cold, but few are frozen”.<sup>12</sup> Isso em referência ao ditado religioso sobre a salvação e o paraíso: “Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos”, e é um comentário adequado sobre a reserva normalmente mal-humorada de muitos canadenses, que, de alguma forma, reflete a ocasional aspereza do clima local.

---

<sup>12</sup> Lit. “No Canadá, muitos são frios, mas poucos são congelados”. (N.T.)

Outro método é apostar em palavras de efeito: “Quando uma coisa é circulante, ela cria moeda corrente”.<sup>13</sup> “A inflação é o dinheiro tendo uma crise de identidade.” “Há muita verdade em uma meia verdade”. “Na era da informação instantânea, os rumores são a realidade.”

Uma atitude constante de McLuhan para com todas as suas observações e, especialmente, com respeito aos seus aforismos, é a sua repetida afirmação: “Todo o meu trabalho é sátira”. Com isso, ele não implica sátira moral ou social, o *high-end* do gênero, mas a categoria menos conhecida da sátira menipeia, assim chamada em homenagem ao filósofo cínico grego Menipo,<sup>14</sup> cuja abordagem foi caracterizada pela firme recusa em adotar um ponto de vista único, por mais legítimo ou apropriado que pudesse parecer. A ideia era, de fato, escapar do constrangimento de um julgamento moral,

---

<sup>13</sup> Aqui há um jogo de palavras no original, “When a thing is current, it creates currency”. (N.T.)

<sup>14</sup> Ver: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Menippean\\_satire](http://en.wikipedia.org/wiki/Menippean_satire)>.

de modo a não inibir ou impedir uma visão incontida pela ideologia. A capacidade de mudar de posição e inverter o ponto de vista permitiu ao satírico menipeu o tipo de liberdade apenas conferido a King's Jester, o bobo da corte, outra figura favorita no panteão de McLuhan: “Meu próprio interesse em técnicas simbolistas em poesia e pintura, e minha preocupação com os processos poéticos e a formação de percepção e consciência, há muito, ensinaram-me a evitar posições fixas e juízos de valor quando se trata de *techné*”.<sup>15</sup>

Em outras palavras, outro aforismo mordaz expressa a mesma ideia aplicada às “opiniões de especialistas”: “O especialista é aquele que fica imóvel”, ou “O especialista é aquele que nunca comete pequenos erros enquanto se move em direção a uma grande falácia”.

É improvável que os leitores deste livro o tenham lido de capa a contracapa. No entanto, se

---

<sup>15</sup> Marshall McLuhan, “Obiter Dicta”, Carta à *Atlantic Monthly Magazine*, p. 39, outubro de 1971.

o fizerem, espero que estas palavras os convidem a voltar e aprender a jogar uns aforismos contra os outros, resolvendo as contradições pretendidas ao alcançar planos mais elevados de percepção. Também os convido a jogar o jogo de cartas de McLuhan indo ao *método* de McLuhan em <<http://www.mcluhangalaxy.net/mcmovie/>>.

Acredito que Massimo Di Felice mereça muita gratidão de seus leitores brasileiros, já que esta seleção é a primeira coletânea completa que aparece em letras brasileiras. *Let me conclude by quoting my favourite aphorism of all, because of its deep truth and profound poetic beauty:*<sup>16</sup> “Na era eletrônica, vestimos toda a humanidade como nossa pele”.

*Derrick de Kerckhove*

Vico Equense, Itália, 2 de junho de 2018<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> “Deixe-me concluir citando meu aforismo favorito de todos, por ser grande verdade e por sua profunda beleza poética.” (N.R.)

<sup>17</sup> Tradução da imagem: “Eu tenho um cérebro pequeno e pretendo usá-lo”. (N.T.)

